

Símbolo do movimento feminista

CARLOS ALBERTO DOS SANTOS

Professor aposentado pelo Instituto de Física da UFRGS / Professor Visitante da UFERSA /
cas.ufrgs@gmail.com

Na literatura popular, Marie Curie é bem conhecida pelos seus trabalhos sobre a radioatividade. Em 1898, em colaboração com seu marido, Pierre Curie, ela descobriu os elementos químicos radioativos, polônio e rádio. Em 1903, ela dividiu com Pierre e Henry Becquerel o prêmio Nobel de física. Oito anos depois, em 1911, ela ganhou o prêmio Nobel de química. Foi, até o momento, a única pessoa a ganhar duas vezes o Nobel em duas áreas científicas diferentes. Também foi a primeira mulher a obter o doutorado em física na França. Finalmente, foi a primeira mulher a ter seus restos mortais depositados no Pantheon, construído para homenagear os “grandes homens” da França. Depois, outras cinco mulheres receberam a mesma homenagem.

Por tudo isso, sua história de vida é um marco na inserção da mulher em um mundo dominado pelos homens, e nada melhor para comemorar o dia internacional da mulher, em oito de março, do que lembrar esse outro lado da biografia da madame Curie.

Ainda adolescente, em Varsóvia, sua cidade natal, dominada pelos russos naqueles sombrios anos 1880, Marya (seu nome de batismo) se engaja em uma atividade “subversiva”; participa da “universidade volante”, um movimento cultural de oposição à dominação russa. Cultivam o positivismo e ensinam história, literatura, filosofia e ciências em polonês, a língua pátria proibida pelos russos. E ainda

mais subversivo: aceitavam mulheres, cujo ingresso nas universidades era proibido.

Aos 18 anos de idade sofre sua primeira decepção amorosa. É abandonada por um jovem e rico estudante de engenharia, cuja família o proibiu de se casar com uma moça de classe social inferior à deles. O abandono deve ter-lhe sido doloroso, mas no final das contas a história da ciência ganhou sua heroína. Foi, em parte essa decepção que fez Marya aceitar, em 1891, o convite da irmã Bronia para ir morar com ela em Paris. Quatro anos depois, formada em física e matemática na Sorbonne, Marya casa-se com Pierre Curie. Afrancesou seu nome, mas permaneceu com um pedaço registrado na pia batismal; passou para a história como Marie Sklodowska-Curie nos documentos oficiais, e simplesmente Marie Curie nos documentos mais populares.

Marie Curie é um símbolo feminista, sem ter sido militante feminista. Seu envolvimento na universidade volante foi motivado principalmente pela oposição à dominação russa, muito mais do que pela proibição do ingresso de mulheres nos cursos universitários. Agora, se Marie não participou deliberadamente de movimentos feminista, ela foi vítima de misoginia explícita ou velada, como vastamente registra a literatura.

Quando concluiu seus cursos de graduação, ela ganhou, por recomendação do seu mentor Gabriel Lippmann, uma bolsa da Sociedade de Apoio à Indústria Nacional para investigar as propriedades magnéticas de aços. O trabalho foi feito entre 1894 e 1897. Em 1898 ela ganhou o prêmio Gerner por esse trabalho, mas quem foi informado da premiação foi seu

marido, Pierre. Foi Henry Becquerel quem deu a notícia carregada de preconceito machista: “Eu o parabenejo muito sinceramente e peço que apresente meus respeitosos cumprimentos à sua esposa.”

Nos arquivos da Organização Nobel, consta que apenas Charles Bouchard indicou Becquerel, Marie e Pierre Curie para a premiação, enquanto Gaston Darboux, Gabriel Lippmann, Eleutère Mascart e Henri Poincaré indicaram apenas Becquerel e Pierre. Antes que a Real Academia das Ciências da Suécia decidisse premiar os dois, Pierre escreveu uma carta para o secretário da Academia dizendo que não receberia o prêmio se Marie não fosse incluída.

Logo depois da morte de Pierre, em 1906, a Sorbonne nomeou Marie como professora titular de física. Foi a primeira mulher a ocupar esse honroso cargo, mas cinco anos depois, em sessão de 23 de janeiro de 1911, a Academia das Ciências de Paris a rejeitou como membro. Perdeu por dois votos para Édouard Branly. Ao longo de quase três meses, antes da votação, enfrentou misoginia por parte de seus pares, que não aceitavam mulheres na Academia, e posicionamento político de extrema-direita do recém-fundado jornal L'Action Française, que a acusava de ter apoiado Alfred Dreyfus, capitão do exército francês injustamente acusado e condenado por traição, depois anistiado e reabilitado.

Ironicamente a eleição era para preencher a vaga deixada por Désiré Gernez, que ocupava a cadeira de Pierre Curie. Decepcionada com a rejeição, decidiu jamais se candidatar a uma vaga na Academia, mas em 1921 é convidada e aceita fazer parte da Academia de Medicina.